

# Eugénio de Andrade – Poema à Mãe

No mais fundo de ti,  
eu sei que traí, mãe

Tudo porque já não sou  
o retrato adormecido  
no fundo dos teus olhos.

Tudo porque tu ignoras  
que há leitos onde o frio não se demora  
e noites rumorosas de águas matinais.

Por isso, às vezes, as palavras que te digo  
são duras, mãe,  
e o nosso amor é infeliz.

Tudo porque perdi as rosas brancas  
que apertava junto ao coração  
no retrato da moldura.

Se soubesses como ainda amo as rosas,  
talvez não enchesses as horas de pesadelos.

Mas tu esqueceste muita coisa;  
esqueceste que as minhas pernas cresceram,  
que todo o meu corpo cresceu,  
e até o meu coração  
ficou enorme, mãe!

Olha – queres ouvir-me? –  
às vezes ainda sou o menino  
que adormeceu nos teus olhos;

ainda aperto contra o coração  
rosas tão brancas  
como as que tens na moldura;

ainda oiço a tua voz:  
*Era uma vez uma princesa  
no meio de um laranjal...*

Mas – tu sabes – a noite é enorme,  
e todo o meu corpo cresceu.  
Eu saí da moldura,  
dei às aves os meus olhos a beber,

Não me esqueci de nada, mãe.  
Guardo a tua voz dentro de mim.  
E deixo-te as rosas.

Boa noite. Eu vou com as aves.

**Eugénio de Andrade, Os amantes sem dinheiro**